



VIII Encontro da Rede de Estudos Rurais UFSC 2018

CONCEPÇÕES DE SOCIEDADE E DIREITOS DE CIDADANIA
EM QUESTÃO: NOVOS DESAFIOS PARA O MUNDO RURAL BRASILEIRO

27 a 30 de agosto de 2018. UFSC - Florianópolis, SC.



ANAIS

Edição: Volume 8 - 2018

ISSN 2764-3891

REALIZAÇÃO:



Juventudes extrativistas: percepções sobre o viver na RESEX Chico Mendes

Anselmo Gonçalves da Silva¹

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio/MMA

Resumo

As Reservas Extrativistas têm sido um modelo utilizado para reconhecer e delinear legalmente modos particulares do “humano” “ser” e “viver” suas relações sociais, culturais, políticas e econômicas num determinado espaço e tempo – considerando a sustentabilidade do ambiente e o modo de vida tradicional. O presente artigo se propõe analisar as percepções de jovens moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes sobre pontos positivos e negativos de se viver numa reserva extrativista, e sobre suas perceptivas para o futuro de suas colocações.

Palavras chaves: Populações Tradicionais, Reservas Extrativistas, Identidade.

1. Introdução

Chico Mendes foi assassinado em 22 de dezembro de 1988; e, em 30 de janeiro de 1990 criou-se o instituto das Reservas Extrativistas. No contexto daquela época, as Reservas Extrativistas foram definidas como “espaços territoriais” de “interesse ecológico e social”, com caráter de “exploração autossustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população extrativista”. (BRASIL, 1990).

Atualmente no Brasil existem 90 Reservas Extrativistas, 62 federais e 28 estaduais, correspondendo a aproximadamente 144.610 km² (CNUC, 2016) – dimensão superior aos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Sergipe e Alagoas juntos – 139.637 km² (IBGE, 2017). Na região amazônica foram estabelecidas 47 Reservas Extrativistas – posicionadas como fatores de conversação sociocultural e ambiental. Para Allegretti (2014) se elas “não tivessem sido instituídas, os seringueiros – hoje chamados de extrativistas – teriam saído da floresta e ido para as periferias das cidades, e os recursos naturais da floresta teriam se transformado em matérias-primas e não em meio de vida”.

Em 12 de março de 1990 foi criada a Reserva Extrativista Chico Mendes - RECM, no Acre, abrangendo 48 seringais em uma área de aproximadamente 970.570 hectares –

¹ Trabalho realizado no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia (MPGAP), do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), sob orientação da Professora Dra. Rita de Cássia Mesquita.

na região “palco” dos conflitos em que seringueiros requeriam o reconhecimento do direito de ocupar seus territórios.

Desde a criação das primeiras Reservas Extrativistas em 1990: Alto Juruá e Chico Mendes, no Acre; Rio Ouro Preto, em Rondônia; e, Rio Cajari, no Amapá; conjunções de processos influenciam as populações tradicionais e as sociedades em geral – o que ocasiona múltiplos fenômenos, e efeitos expressos física e culturalmente.

Atualmente parece que as Reservas Extrativistas, diferenciadamente em cada contexto local, se desenvolvem em uma nova fase: a do desafio da sucessão de uma nova geração. De acordo com Allegretti (2014), a continuidade do projeto se atrela a “dar” condições sociais, estruturais e econômicas para que esta geração de jovens “permaneça na floresta”; acessem educação que fomente a continuidade aprimorada de sua cultura, modos de vida e economia; concretizem o “modelo econômico sustentável”, e sejam encorajados a “assumir o papel de liderança desempenhado por seus pais e avós nas últimas décadas”.

Acredita-se que, o conjunto de condições físico/materiais e influências culturais vivenciadas pelas juventudes “tradicionais” no contemporâneo têm afetado sua visão de mundo e seus projetos de vida. Isso tem caracterizado a sucessão geracional como um período crises e mudanças profundas na estrutura sociocultural destes grupos. No caso da Reserva Extrativista Chico Mendes, se percebe, além de mudanças culturais profundas, efeitos como: migrações de jovens para centros urbanos próximos; alterações no padrão de percepção e produção do espaço por jovens que seguem residindo nos seringais, fenômeno que pode ser exemplificado pelo avanço da pecuária (HOELY, 2015), etc. Essas transformações afetam a efetividade dos objetivos de conservação ambiental e sociocultural relacionados à criação das Reservas Extrativistas.

Neste artigo, apresenta-se resultados de uma pesquisa que se propôs analisar 2 grupos de estudantes do 2º ano do Ensino Médio, de duas escolas de comunidades diferentes da Reserva Extrativistas Chico Mendes:

- 1) Escola Municipal Baixa Verde, no Seringal Icuriã, Assis Brasil/AC;
- 2) Escola Municipal União, no Seringal Floresta, Xapuri/AC.

Eles responderam questões sobre os seguintes temas:

- a. *Percepções positivas e negativas de se viver numa Reserva Extrativista,*
- b. *Expectativas para o futuro de suas colocações, e*

Os resultados possibilitaram esboçar cenários para as duas comunidades e indicar fatores que influenciaram o seu desenvolvimento no percurso histórico. Espera-se assim, a partir deste estudo de caso, produzir subsídios para ampliar a compreensão da reprodução empírica de um modo “Reserva Extrativista” de ser e viver – afeto a reprodução social de populações tradicionais.

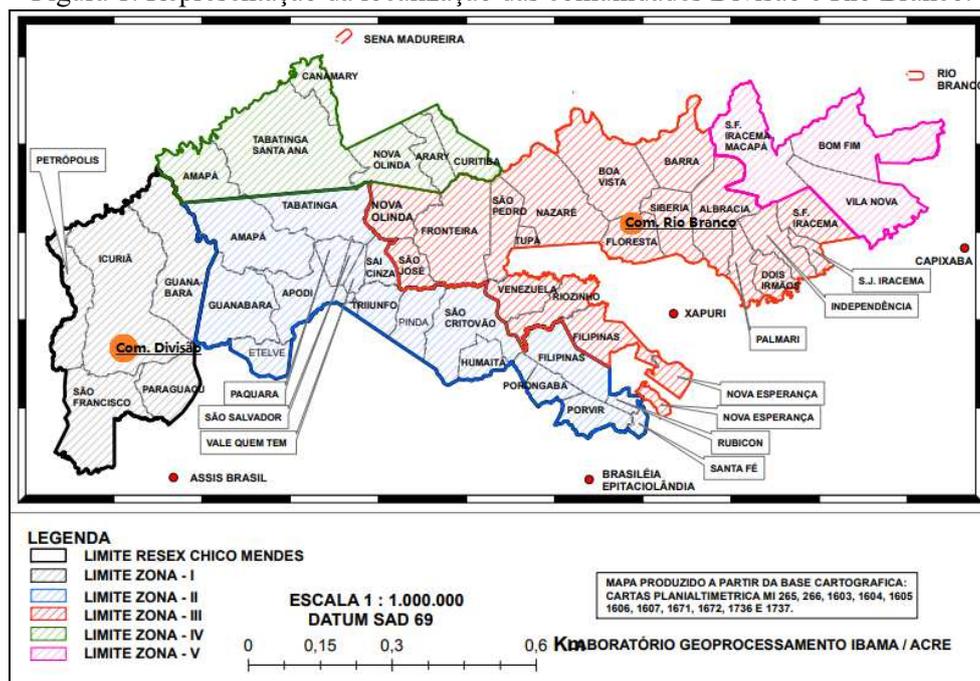
2. A Reserva Extrativista Chico Mendes

A Reserva Extrativista Chico Mendes possui área aproximada de 970.570 hectares, com um território que abrange parte de 3 das 5 regiões do Estado do Acre, incluindo os municípios de Assis Brasil, Brasiléia, Capixaba, Epitaciolândia, Rio Branco, Sena Madureira e Xapuri. Segundo cadastro censitário realizado em 2009 sua população é de 8666 moradores cadastrados. Possui ordenamento territorial composto por 1.766 unidades de ocupação (entre colocações de seringa, ocupações ribeirinhas e outras formas de ocupação menos representativas), contidas em 48 seringais. Possui Plano de Manejo, Plano de Utilização, Conselho Deliberativo, Cadastro de Moradores, e tem seu uso e ocupação concedidos à 5 Associações de Moradores, de acordo com a zona geopolítica, sendo: Assis Brasil - AMOPREAB, Brasiléia e Epitaciolândia – AMOPREBE, Xapuri – AMOPREX, Capixaba e Rio Branco – AMOPRECARB, Sena Madureira – AMOPRESEMA.

As comunidades estudadas: Divisão/Assis Brasil e Rio Branco/Xapuri.

Escolheu-se 2 das 76 comunidades da RECM: A comunidade Divisão, no Seringal Icuriã, município de Assis Brasil; e, a comunidade Rio Branco, no Seringal Floresta, no município de Xapuri. A localização de ambas pode ser verificada na figura seguinte, que também representa a estrutura geopolítica da RECM.

Figura 1: Representação da localização das comunidades Divisão e Rio Branco.



As duas comunidades têm acesso por estrada não pavimentada em distância similar até os seus respectivos núcleos urbanos de influência (Assis Brasil e Xapuri). Ambas comunidades têm escolas equivalentes, sendo as principais de suas zonas geopolíticas. O perfil de ocupação espacial no modelo de colocações tradicionais de seringa, a configuração e as dinâmicas comunitárias também são similares. Têm relativa centralidade e protagonismo nos processos de tomada de decisão das suas zonas geopolíticas, abrigando quase sempre reuniões com várias comunidades relacionadas as suas respectivas associações concessionárias e outros atores sociais. Percebe-se que ambas comunidades são formadas por populações derivadas da origem social e prática de produção de borracha no sistema de seringais; o que faz dos grupos estudados relativamente equivalentes.

3. Metodologia

Foi realizada 1 oficina participativa com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio em cada uma das escolas das comunidades; aplicando-se as seguintes questões:

- Cite 3 pontos positivos de se viver numa Reserva Extrativista?
- Cite 3 pontos negativos de se viver numa Reserva Extrativista?
- Como você imagina sua colocação no futuro?

As respostas apresentadas individualmente em tarjetas tiveram seu conteúdo analisado, agrupando-se citações que poderiam formar grupos homogêneos de ideias, que foram objeto de contagem do número de ocorrências no universo da amostra.

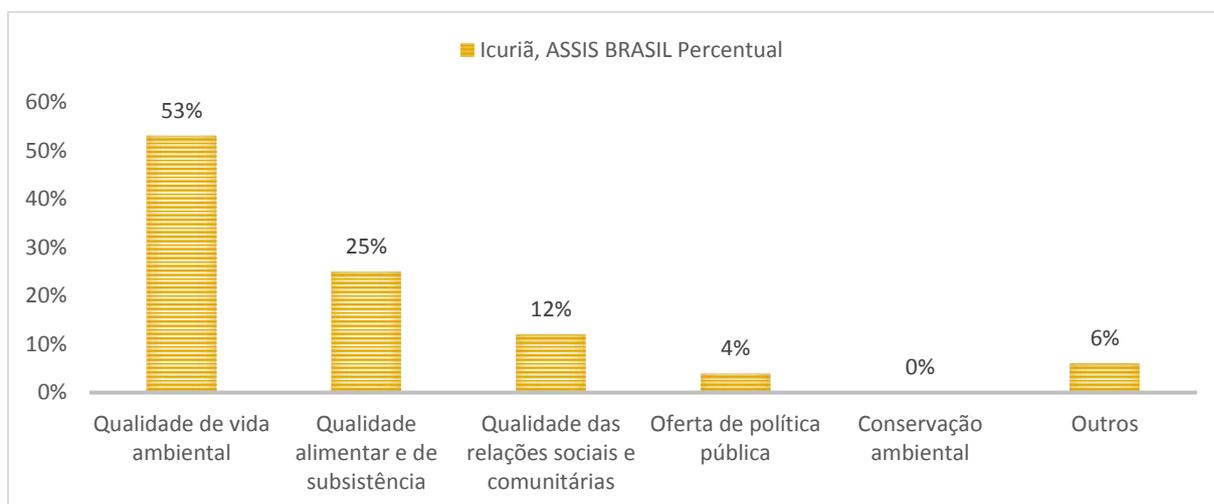
Participaram das oficinas e elaboraram as redações 16 jovens da comunidade Divisão e 14 jovens da comunidade Rio Branco.

4. Resultados e Discussão:

4.1. Pontos positivos de se viver numa Reserva Extrativista.

Os jovens da comunidade Divisão apresentaram 51 ideias sobre pontos considerados positivos de se viver em uma Reserva Extrativista. Classificou-se as justificativas em categorias apresentadas no gráfico seguinte.

Figura 2: Gráfico – Pontos positivos de se morar em uma RESEX (comunidade Divisão)



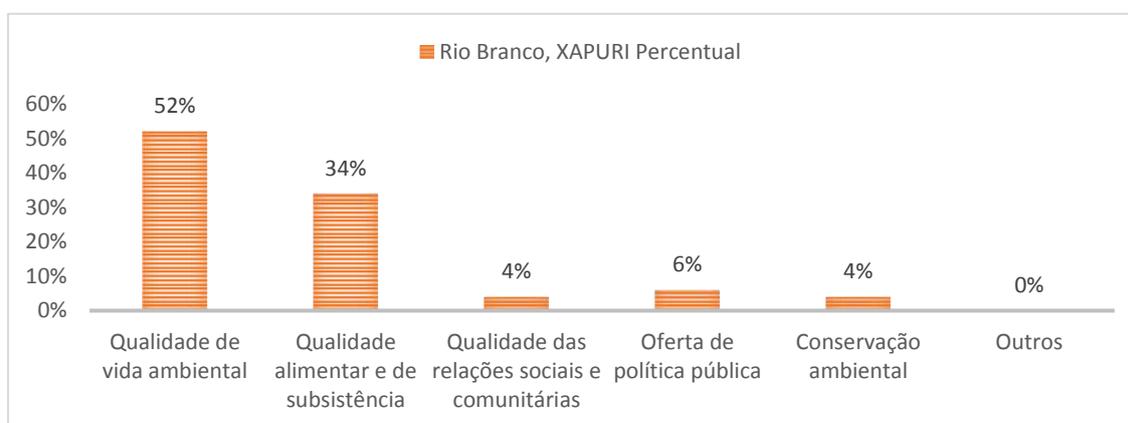
Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Viver numa Reserva Extrativista, segundo eles, é positivo pela vivência de elementos de matriz natural e de um ambiente bucólico, como o “*ar puro*”, “*água natural*”, “*sem poluições*”, “*sem barulho*”, “*tranquilo*”; estes foram classificados como “Qualidade de vida ambiental”, e foi tema de 53% das citações dos jovens. Em segunda posição eles afirmam que viver na Reserva é bom porque podem “*ter a própria colheita*”, “*produzir o próprio alimento*”, “*não tem muito gasto*”, esses elementos foram

classificados como “Qualidade alimentar e de subsistência” aparecendo em 25% das citações. E o terceiro tema mais citado foi a “qualidade das relações sociais e comunitárias”, apresentado por expressões como “*somos todos amigos*”, “*colaborando uns com os outros*”. É interessante que de algum modo, em muitas das afirmações, a resposta sobre viver em uma reserva extrativista traga consigo um elemento indicativo de que o jovem está apresentando um contraste entre o viver na Reserva e o viver na cidade. Quando o jovem fala “*não tem violência como na cidade*”, “*um lugar calmo*”, “*gasta menos financeiramente*”, “*é mais frio*”, “*não precisa comprar alimento*”, “*mais fartura*”, dentre muitas outras expressões apresentadas pelos jovens da Divisão, existe em algum grau uma relação comparativa perceptível, entre viver no pequeno núcleo urbano de Assis Brasil e viver nas colocações dos seringais da Reserva Extrativista.

Para os jovens da comunidade Rio Branco os pontos positivos de se viver numa Reserva Extrativista foram apresentados com estrutura muito similar a Divisão, conforme gráfico apresentado a seguir:

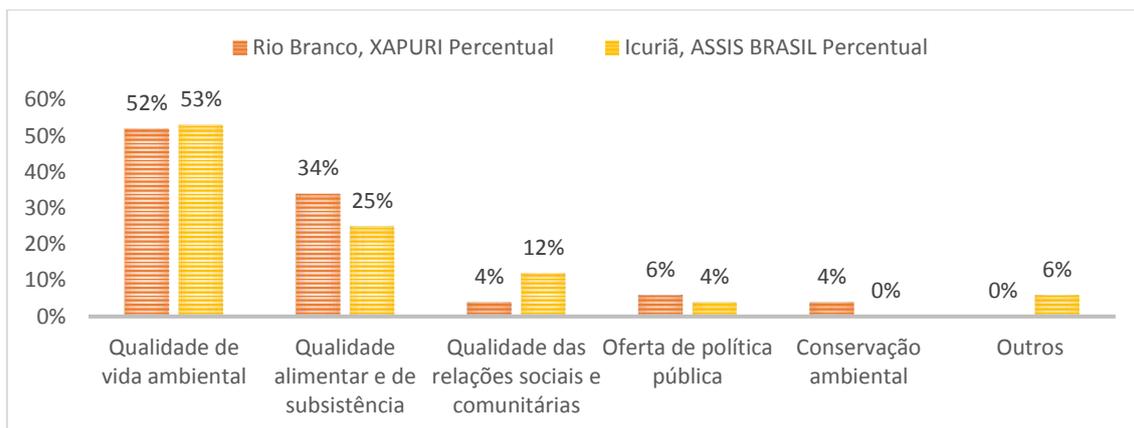
Figura 3: Gráfico – Pontos positivos de se morar em uma RESEX (comunidade Rio Branco)



Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

A comparação das duas comunidades pode ser percebida no gráfico seguinte:

Figura 4: Gráfico – Pontos positivos (comparação entre Rio Branco e Divisão)



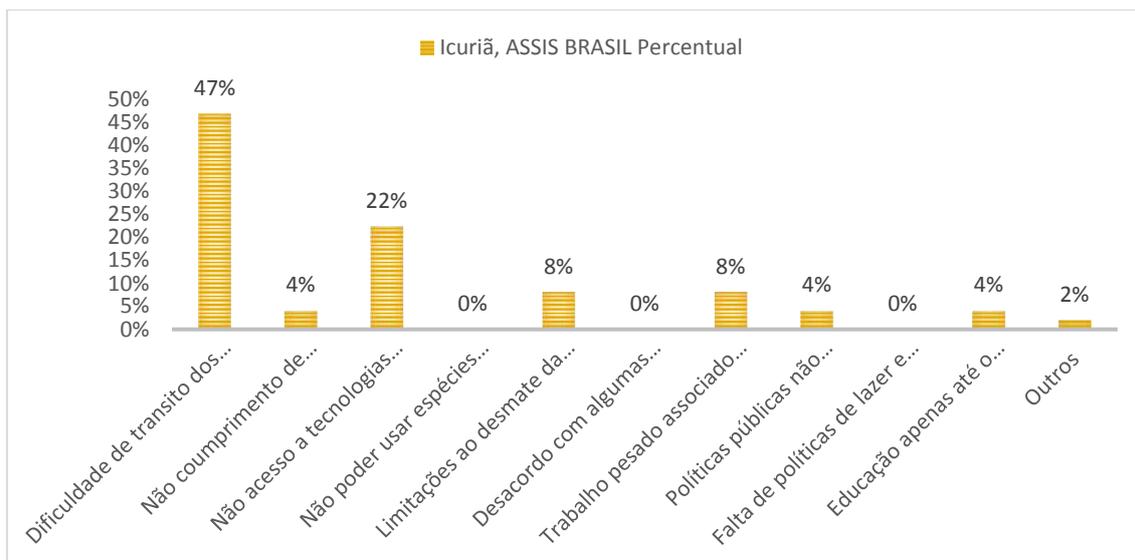
Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Apesar das percepções próximas, os textos das citações nos revelam através de vários rastros um tom valorativo adicional aos elementos naturais, sejam para vivência ou para uso, chegando em alguns pontos aparecer apenas como valor de conservação/“*preservação*” na comunidade Rio Branco. Com relação a qualidade alimentar, a relação primária apresentada pela comunidade Divisão se relaciona com abundância e possibilidade de produzir o alimento num contraste com a alimento na cidade que tem que ser comprado (o que torna a vida mais difícil). Já na comunidade Rio Branco o valor de produzir o alimento se relaciona muito com a representação de alimento saudável, “*próprio*”. A “qualidade das relações sociais e comunitárias” foram citadas em ambas comunidades, acredita-se que a maior ocorrência na comunidade Divisão (12%) em relação comunidade Rio Branco (4%), deveu-se a alocação elevada de valor na percepção da “oferta de política pública” e na “conservação ambiental” e não numa diferenciação relevante da qualidade das relações sociais nos dois contextos.

4.2. Pontos negativos de se viver numa Reserva Extrativista.

A comunidade Divisão apresentou 49 citações consideradas pontos negativos de se morar numa Reserva Extrativista. Elas se referem principalmente a experiência de se viver naquela comunidade específica. Pode-se observar a classificação através do gráfico seguinte:

Figura 5: Gráfico – Pontos negativos de se morar em uma RESEX (comunidade Divisão)



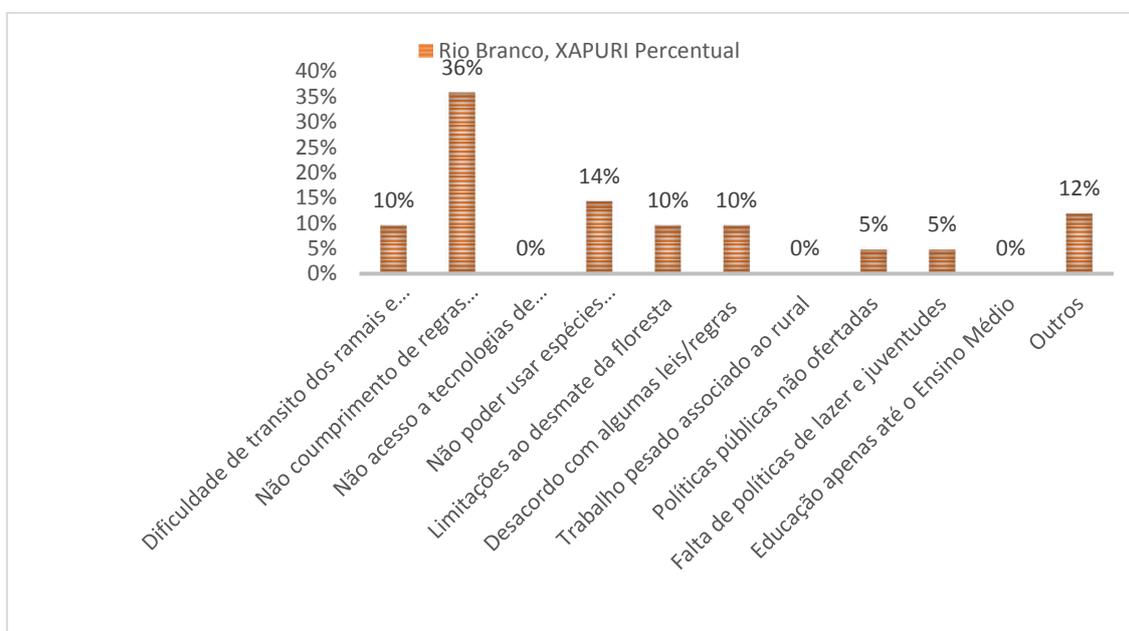
Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

O ponto negativo percebido como mais relevante para os jovens da Divisão se relaciona com a dificuldade de trafegabilidade do ramal (estrada não pavimentada) que liga a comunidade e o centro urbano de Assis Brasil e a dificuldade de transporte; representando 47% das citações. Morar na Divisão e ir até a cidade não é tarefa simples; sobretudo na época das chuvas, pelas peculiaridades do tipo de solo o ramal fica quase que intrafegável. Este ramal é o principal da Zona Geopolítica de Assis Brasil, há fluxo de “toyotas” e outros carros estilo caminhonete que fazem fretes ou linha, cobrando por passageiros e/ou bagagens (mas só na época de seca), raramente esses veículos se arriscam nas épocas de chuva, o que faz a comunidade ter um alto grau de isolamento principalmente durante 4 meses mais chuvosos do ano. Neste contexto, o transporte particular é um elemento muito valorizado e desejado, principalmente as motos. Em segundo lugar, como ponto negativo de se morar na Reserva, os jovens apresentaram o não “acesso a tecnologias de comunicação”, talvez esse tema tenha estado presente de algum modo nas discussões locais recentemente, pois ele não apareceu na comunidade Rio Branco, ou talvez a necessidade percebida de relação com a urbanidade e um mundo externo seja significativa por vários motivos para aqueles jovens. Esses dois itens, “dificuldade de trânsito” e “não acesso a tecnologias” representam juntos 69% das citações, e ambos remetem a uma necessidade de relação com um externo, que está no urbano de Assis Brasil, ou talvez com conexões em outras espacialidades possibilitadas a partir do núcleo urbano. É importante também falar que, sobre isso, parte das famílias geralmente vivem na cidade, avós já anciãos, ou tias/tios, primos/primas, irmãos/irmãs, etc. Ainda, sobre os pontos negativos, alguns daqueles jovens percebem diferentemente

as leis ambientais, para (2) é negativo que alguns não cumpram as regras ambientais, já para outros (4) é negativo a imposição de regras que limitam o desmate da floresta. A representação do trabalho rural foi citada por 4 jovens como algo relacionado ao “pesado” e penoso. E, alguns também percebem a falta de implementação de políticas, principalmente saúde e educação como aspectos negativos.

Se nos pontos positivos houve relativa convergência entre as duas comunidades, nas percepções dos pontos negativos foi diferente, conforme apresentado no gráfico seguinte:

Figura 6: Gráfico – Pontos negativos de se morar em uma RESEX (comunidade Rio Branco)



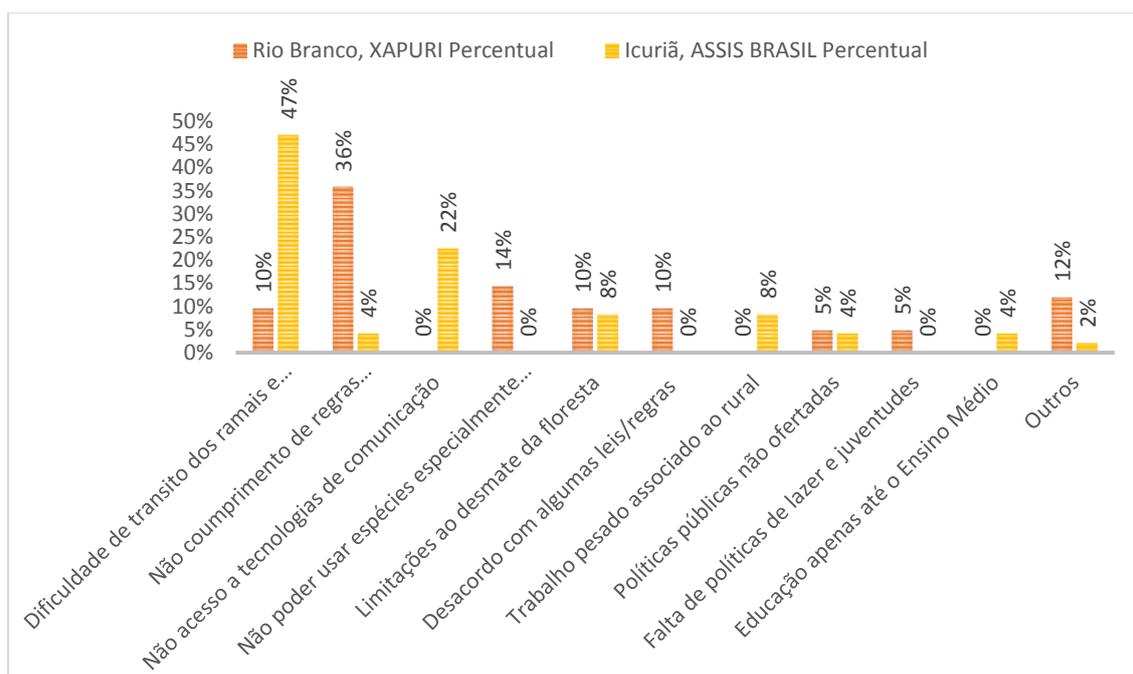
Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Para os jovens da comunidade Rio Branco o principal ponto negativo de ser morar numa Reserva Extrativista, com 36% das citações, é a percepção de que muitos moradores não cumprem as regras ambientais e do Plano de Utilização; em Assis Brasil esse item representou apenas 4% das citações. Embora isso signifique a importância do valor do ambiente e de ideias tradicionais transportadas para o conceito de RESEX; também na comunidade Rio Branco, 10% das citações afirmaram que as regras que limitam o desmatamento da floresta são um aspecto negativo de se viver na Reserva. Esse contraste revela que naquela comunidade também há, em nível menor, um debate sobre a representação do desmatamento. 14% dos jovens dizem estar em desacordo com algumas

regras vigentes na Reserva, que pela discussão não se relacionam ao desmatamento, mas regras de uso, como direito de posse, etc. Uma discussão significativa, é a proibição de uso de espécies madeireiras especialmente protegidas como o mogno e a castanheira; no campo ético do morador, essas árvores em suas colocações são deles, e eles entendem que devem escolher se devem usá-las ou não, como no caso de castanheiras improdutivas, mortas ou caídas; e dos mognos também; pois para eles, construir uma casa, uma estrutura comunitária, tem que ser com a melhor madeira possível. Junto com essa discussão, vem a relação os moradores tem com o núcleo urbano de Xapuri, assim como em Assis Brasil, existem processos sazonais ou em casos específicos em que as famílias se dividem entre a Reserva e o núcleo urbano, isso ocorre tanto em Xapuri como em Assis Brasil; e as famílias de Xapuri, que veem suas madeiras manejadas saírem para fora da Reserva, vendidas, querem ter o direito de construir casas na cidade com a madeira se suas colocações – esse conjunto representou 14% das citações. As demais citações foram variadas, sendo difícil classificá-las. Embora a dificuldade de transporte tenha aparecido com 10% das citações, fica claro nos textos, que os jovens se referiam a outras comunidades e apenas 1 jovem se referiu ao ramal em que mora.

O gráfico seguinte apresenta um contraste dos pontos negativos segundo os dois grupos de jovens.

Figura 9: Gráfico – Pontos negativos de se morar em uma RESEX (comunidade comparadas)



Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Percebe-se que a distinção de percepção de negatividade para dois grupos, se relaciona com o contexto de condições. Objetivamente, a trafegabilidade entre cidade e comunidade é facilitada em Xapuri em relação a Assis Brasil; as possibilidades e oferta de veículos, tanto particulares quanto de transportes coletivos, é superior em Xapuri em relação a comunidade de Assis Brasil. Porém percebe-se também foco direcional ao urbano mais acentuado na comunidade da Divisão em relação a comunidade Rio Branco. O olhar da comunidade de Assis Brasil se apresenta menos direcionado a questões e dilemas internos, como o expresso pela questão do uso de madeiras “especialmente proibidas”, “desacordo com normas”, etc., presentes na comunidade de Xapuri. O olhar para elementos, tanto de valor de conservação quanto de valor de uso relacionados a natureza, novamente aparecem como caracterizadores de distinção entre as duas comunidades, ganhando formas, como a preocupação de 36% das citações da comunidade de Xapuri com o não cumprimento de “regras ambientais e do Plano de Utilização”. A percepção das práticas de trabalho rural aparece distinta nas duas comunidades; para 8% dos jovens de Assis Brasil, ele se associa com algo penoso, o que não aparece para os jovens de Xapuri. Os jovens de Assis Brasil se preocupam mais com o tema educação (4%), pois para eles há um campo de opções muito menos acessíveis do que para os jovens de Xapuri, que contam com um campus do IFAC no seu núcleo urbano, onde vários moradores da Reserva daquela zona estudam; já para o jovem de Xapuri a preocupação aparece em “políticas de lazer e juventude” (5%).

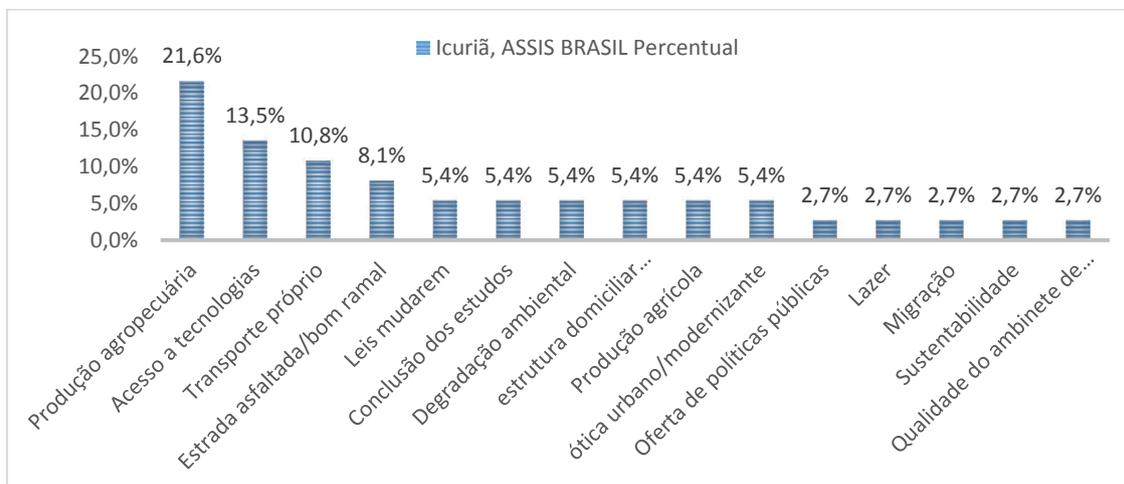
4.3. Minha colocação no futuro?

Quando se questiona sobre o futuro das colocações, se objetiva apreender de como o indivíduo percebe o seu espaço habitado, as condições e oportunidades percebidas, e as intencionalidades e estratégias formuladas. Esse conjunto permite vislumbrar de relance as tendências de intervenção/adaptação/produção sobre o espaço. Isso nos permite traçar cenários para o futuro das comunidades, e de como esse porvir se relaciona com a reprodução de um modo Reserva Extrativista de “ser” e “viver”.

Com relação a comunidade Divisão, foi difícil categorizar as ideias apresentadas, pela diversidade do conteúdo. Quanto se perguntou para aqueles jovens sobre a colocação, as respostas se entrecruzaram com vários aspectos diversos sobre os futuros

individuais, desejos e oportunidades. A sistematização das citações está apresentada no gráfico seguinte:

Figura 10: Gráfico – Como você imagina sua colocação no futuro? (comunidade Divisão)



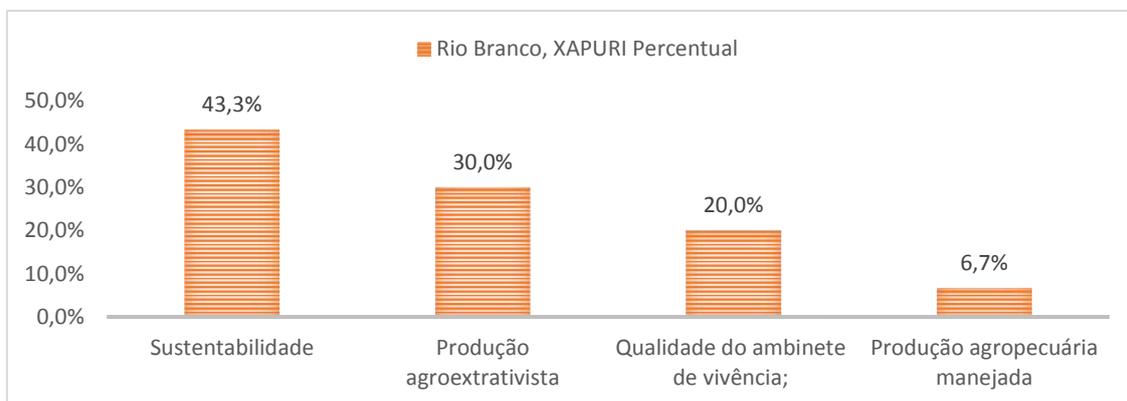
Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Para aqueles jovens, ao falar do espaço, 21,6% citaram práticas de produção relacionadas a agropecuária. É algo muito evidente, e visto como positivo. Alguns trechos nos apresentam os “tônus” das afirmações, como os trechos seguintes: *“minha colocação esteja tipo uma fazenda”, “quase uma fazenda cheia de gado”, “uma fazenda muito grande e bonita”, “estar criando bastante gado”,* etc. Por alguns momentos, alguns indivíduos (5,4%) citam as leis como empecilho e a expectativa de possíveis mudanças: *“tenha melhorado mais as leis”, “que as leis mudem para o bem de cada família”*. Essa tendência a expansão da pecuária na comunidade é complementada com atividades agrícolas diversas, como *“plantações de diferentes tipos, fruteiras, verduras”,* e *“criação de galinhas, porcos”*. A proximidade da fronteira com o Peru, por onde, desde a construção da Estrada do Pacífico têm se ampliado os fluxos de exportações brasileiras e oportunidades de comércio para a produção local, como das galinhas caipiras e peixes de pisciculturas, este contexto aparece levemente influente, como na seguinte citação: *“minha colocação exportadora de carne de criação de galinha. Só vou ter muita galinha”*. Dois elementos que aparecem como elementos negativos de se morar em uma Reserva, para a comunidade Divisão, tem seus resolutivos projetados para o futuro das colocações – as dificuldades de transporte e comunicação. Assim, para 13,5% dos jovens, o futuro das colocações inclui elementos tecnológicos; para eles, a representação de

tecnologia inclui além de ferramentas de comunicação, “*rede telefônica e internet*”, uma percepção afeta ao processo e status de desenvolvimento das colocações, apresentada em trechos como “muito bonita, ter animais domésticos, uma tecnologia bem avançada”, “eu imagino que ela vai estar bem, com uma tecnologia bem avançada”. Para aqueles jovens da Divisão, a crise do transporte para a cidade, seja de pessoas ou produtos, aparece em 8,1% das citações, através de expressões como: “*meio de transporte, ramais, espero que estejam todos piçarrados*”, “*espero já tenha estrada asfaltada até lá*”. E, o tema do transporte se relaciona com o desejo individual do “*transporte próprio*”, aparecendo como prioridade em 10,8% das citações. O futuro das colocações para aqueles jovens se desenha com uma feição de um “viver bem” e superação do que se percebe como “dificuldades”; isso se ancora nos espaços individuais centralmente na produção da pecuária, e secundariamente em plantações e criações diversas; e num contexto dos espaços coletivos na melhoria das condições gerais de vida, com opções para o transporte, meios de comunicação, acesso à serviços de educação e saúde, opções de lazer, etc. Elementos classificados como “agroextrativismo” não foram citados no futuro daquelas colocações.

Com relação a comunidade Rio Branco, há uma consonância em um discurso quase que consensual em relação as colocações, relacionado sobretudo as práticas de uso das áreas e de sua relação com a renda, a sustentabilidade e a qualidade de vida. É como se não tivessem muitas dúvidas, como se no campo das representações os significados e as visões de mundo fossem mais definidos, quase resolvidos, em contraste com a comunidade da Divisão. Nesse contexto, foi possível classificar todas as citações em apenas 4 categorias, conforme apresenta o gráfico seguinte:

Figura 11: Gráfico – Como você imagina sua colocação no futuro? (comunidade Rio Branco)



Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

43,3% das citações sobre o futuro da colocação se relacionam com aspectos de sustentabilidade, representados por expressões como: “*que meu lugar continue preservado*”, “*imagino minha colocação bem preservada, com desmate dentro do limite*”, “*imagino uma colocação produtiva, de forma sustentável ou seja se queimadas e sem desmatamentos*”. A ideia de sustentabilidade, relacionada a vida saudável, respeito a natureza, se apresenta como um conjunto bem delineado para aqueles jovens, com características comuns, quase um discurso. Com relação as práticas de uso da floresta e do solo, percebe-se uma tendência a ressignificação/contextualização do extrativismo, onde se mantem o látex e a castanha, ao mesmo tempo que ganha fôlego adicional com plantio, através de reflorestamento produtivo, consorciado de seringueiras, castanheiras e frutíferas, que é apresentado pelos jovens com animo relacionando-o ao futuro; isso, juntamente com produção diversificada de criações e plantações; podemos perceber esse conjunto em 30% das citações, como as seguintes, relacionadas as colocações:

[...] transformar em um lugar produtivo e sustentável que tenha seringa, açudes, bois, plantação de abacaxi, banana, diversificar”, “minha colocação a 20 anos vai estar produzindo muitos recursos como látex, açai, graviola e peixe, etc.

[...] imagino minha colocação rodeada de seringueiras e castanheiras que plantamos já algum tempo, todas produzindo e gerando lucro.

[...] imagino a minha colocação com uma infraestrutura socialmente e financeiramente estáveis, com açudes, plantações manejadas, alguns bois, floresta conservada, plantações das mais variadas espécies e manejo da terra de forma sustentável, sem dívidas. Ter a consciência que as próximas gerações irão se beneficiar também.

Para aqueles jovens, esse futuro das colocações possibilita um ambiente de vida saudável e “boa qualidade de vida”, em 20% das citações essa ideia apareceu. Ainda, o gado, aparece, porém distintamente do significado e função da ocorrente na comunidade da Divisão; aqui o gado é envolto na necessidade percebida de conservação, onde para que figure, há uma necessidade ética de que seja “manejado”, dentro dos limites, conciliado com a conservação e outras atividades; isso é percebido em trechos como: “*criação de boi manejado*”, “*boa criação de gados e também preservada porque sendo organizado não precisa derrubar muito a floresta*”. Esse status da pecuária percebido neste item, sobre o futuro das colocações, contraste levemente, com aparições em outras questões, como na anterior, sobre os pontos negativos de se morar numa Reserva, onde

alguns jovens apresentaram questões sobre leis que protegem a floresta. Percebe-se que esta discussão é algo que busca inserção no contexto daquela comunidade, porém se percebe um combate do coletivo a este tipo de visão; sendo aceita, no nível ético, apenas a pecuária manejada, dentro dos limites legais e consorciada com outros produtos.

5. Referências Bibliográficas

HOELLE, J. Rainforest Cowboys. The Rise of Ranching and Cattle Culture in Western Amazonia. Austin, University of Texas Press, 2015, 196 p.

SILVA, A. G. Ethos Seringueiro: Cenários dos Jovens da Reserva Extrativista Chico Mendes. Dissertação de Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia – INPA. Manaus, 2017.